

Humanizar o humano: entre o desprezo e a dignidade

Cleide Rita S. de Almeidaⁱ

Mariangelica Aroneⁱⁱ

Alexsandro Junior de Santanaⁱⁱⁱ

INTRODUÇÃO

O bicho

*Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.
(BANDEIRA, 1970, p. 196)*

Este artigo discute a falta de cuidado, o desprezo, o preconceito e a hostilidade com que são tratados os seres humanos nas múltiplas e diversas situações de vulnerabilidade e privação presentes no cotidiano, sejam eles refugiados, sejam pessoas em situação em rua, usuários de drogas, desempregados ou sem-teto, entre outros. São vistos como bichos e não como pessoas, tal qual no poema de Manuel Bandeira (1970), que denuncia a miséria e o sofrimento de um ser humano que se encontra menor que um rato pela voracidade que o faz engolir qualquer comida do lixo sem examinar. A empatia do poeta com a cena provoca a reflexão sobre um problema há muito tempo

presente na nossa realidade, e recorrente não só no Brasil como no mundo: a fome.

Essa situação foi alvo de denúncia de outros autores da literatura, como João Cabral de Melo Neto, em *Morte e vida Severina*:

E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte Severina:
que é a morte que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia. (MELO NETO, 1980, p. 71)

Ao retratar em *Vidas secas* a aspereza em que vivem Fabiano, a mulher, os dois filhos e a cachorra, Graciliano Ramos mostra a luta pela sobrevivência:

Não, provavelmente não seria homem: seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia. Mas depois? Fabiano tinha a certeza de que não se acabaria tão cedo. Passaria dias sem comer, apertando o cinturão, encolhendo o estômago. (RAMOS, 1965, p. 27, grifo nosso)

Outra passagem da mesma obra: “Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando: – Você é um bicho Fabiano” (RAMOS, 1965, p. 20). Nas obras referenciadas, tanto Ramos quanto Melo Neto tratam do drama do nordestino que vive as limitações e a aridez da seca na dinâmica cruel entre a terra, a sociedade e os seres humanos que nela habitam, mas que são expulsos pelo sol que castiga e pelas condições miseráveis. O quadro *Retirantes*, de Candido Portinari, também apresenta a vida destes migrantes, que convivem com pobreza, sede, desolação e rodeados de urubus.

A condição de seres destituídos de humanidade é mostrada por Durval Muniz Albuquerque Júnior (2016) ao discutir a xenofobia, mas também se aplica

aos exemplos que mencionamos, quando aponta que a humanidade “é uma atribuição que é feita no contexto de uma dada comunidade de homens e mulheres, que utilizam critérios que são culturais, para dizer quem pode ou não pertencer à humanidade, pode ser dito e visto como humano” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016, p. 18). Cada temporalidade histórica dita quem são os excluídos daquele momento, seja por seca, seja por guerras, preconceitos, catástrofes climáticas etc.

Apesar de os seres humanos serem vistos e tratados como bichos, precisamos ficar atentos para as lições que os animais nos ensinam, como expressa na metáfora de “Os músicos de Bremen” (GRIMM; GRIMM, 1949) ou Os saltimbancos, que foi inspirado no primeiro, pois mesmo havendo injustiças, opressão, humilhação, desumanização e desesperança, há sempre forças e energias capazes de produzir transformações a partir das fragilidades.

Entendendo que a consciência e a ação correspondente se constroem com a ajuda de ferramentas teóricas que se apoiam em pensadores das ciências humanas e sociais, da literatura, da música, das artes e do cinema, vamos estabelecer um diálogo com esses criadores de ideias férteis e potentes para iluminar nosso caminho.

“Os músicos de Bremen”, dos irmãos Wilhelm e Jacob Grimm, conto escrito em 1812, recebeu adaptações e versões de autores brasileiros. Narra à história de quatro animais: um burro, um gato, um cachorro e um galo, que, sendo desconsiderados por seus donos por terem perdido a capacidade produtiva, resistem ao destino fatal que estes lhes reservavam, juntando-se em um novo projeto proposto pelo burro: ir para a cidade de Bremen para serem músicos.

Depois de muito caminharem, como a cidade ainda estava longe e eles cansados e famintos, resolvem fazer uma pausa numa casa que avistam com luz acesa. Lá chegando, olhando pela janela veem um grupo de gatunos, comendo e conversando sobre o roubo. Os quatro amigos planejam uma ação conjunta com

a liderança do burro, tomando uma posição que hoje pode ser encontrada numa estátua erguida na cidade de Bremen em homenagem a este conto. Nela temos o burro, o cão em suas costas, acima dele o gato e, por último, o galo. Os quatro, cantando bem alto, num pulo, entram ao mesmo tempo na casa, dando um enorme susto nos ladrões; estes, pensando que estavam sendo atacados por monstros de várias cabeças, correm amedrontados, deixando comida e os produtos do roubo. Os quatro músicos resolvem então viver naquela casa juntos e felizes para sempre.

Essa história, como dito anteriormente, recebeu adaptações e versões, sendo uma delas a de Ruth Rocha, escritora de livros infantis. Outra que ficou muito famosa foi *Os saltimbancos*, adaptada por Chico Buarque de Holanda a partir da peça de Sergio Bardotti.

Nas duas histórias temos animais que, por não terem mais capacidade produtiva ou reprodutiva, são considerados sem utilidade e valor. São deixados de lado, desprezados ou ameaçados, mas vão tomando consciência de que, mesmo frágeis, poderiam tornar-se muito fortes se houvesse união entre eles. O tratamento lúdico apresenta uma dinâmica de transformação em que os fracos se tornam fortes. Os bichos são os oprimidos, excluídos e marginalizados que lutam por sua libertação. A caminhada rumo à emancipação é também de aprendizagem, que se desenvolve com aliados e identificando os antagonistas. As histórias se nutrem de solidariedade e respeito ao outro.

Nosso intuito, no âmbito deste artigo, não é fazer uma análise detalhada das duas histórias, mas, a partir da referência a elas, mostrar como esta metáfora que ambas trazem é importante para refletirmos ao lado de outros autores sobre os acontecimentos do nosso contexto atual, em que vários seres humanos, em situações diversas, são desqualificados, mas, mesmo esmagados, há uma chance de renovação e de estabelecimento de uma nova ordem justa, que privilegie o cuidado de uns em relação a outros. Este cuidado transforma a invisibilidade em

dignidade depois de se passar por várias provas na vida. Trata-se de uma jornada que culmina com um despertar.

Com o intuito de refletir e aprofundar a questão do desprezo, seguiremos uma linha histórica, tendo como foco alguns momentos marcantes vividos pela humanidade no século passado: as duas guerras mundiais e a criação da internet. Cada uma delas mostrou a seu próprio modo como a questão do desprezo se espalhou pelo mundo e criou raízes até nossos dias. O personagem Carlitos – o vagabundo, interpretado por Charles Chaplin, nos ajudará a entender como se dão as relações de desprezo provocadas pelo ódio e pela indiferença que marcam nossa sociedade contemporânea, e que tornam os seres humanos descartáveis, num ciclo de coisificação sem fim.

Para lançar um olhar sobre a questão da sociedade do desprezo, contaremos com as contribuições de alguns autores, entre eles, Edgar Morin e o pensamento complexo, Zygmunt Bauman e os tempos líquidos, a situação dos oprimidos em Paulo Freire e a ética do cuidado de Leonardo Boff.

Sementes do desprezo: as guerras

A primeira metade do século XX foi marcada por duas grandes guerras (1914-1918 e 1939-1945) que modificaram definitivamente a maneira como os seres humanos se relacionam. Pela primeira vez na história, o mundo conhecia as armas de destruição em massa, com poder de aniquilar toda a vida no planeta várias vezes. Um exemplo disto foram as bombas atômicas lançadas sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki (1945) que, literalmente, evaporaram os corpos de suas vítimas.

As guerras marcaram com o medo e a desconfiança os sobreviventes; assim, o outro passou a ser reconhecido como um inimigo em potencial, devendo ser expulso e até mesmo morto, principalmente se for diferente (etnia, religião, gênero...). Foi nesse período que começaram os grandes deslocamentos

humanos: os refugiados, como são conhecidos, procuram abrigo e proteção, desejando recomeçar suas vidas longe dos conflitos. Porém, o mundo não é mais o mesmo; barreiras são erguidas, estradas são bloqueadas e corações são fechados em nome da segurança nacional. O medo do estrangeiro tornou-se uma realidade presente e disseminada no mundo.

A xenofobia é um dos maiores problemas do nosso tempo. O mundo contemporâneo, mesmo naquelas sociedades que se julgam as mais civilizadas e avançadas, tanto do ponto de vista tecnológico como do ponto de vista dos valores e costumes, têm que conviver com crescentes manifestações de intolerância, de racismo, de violência em relação aos estrangeiros, à medida que se caracteriza por ser um mundo marcado pela constante e ampla mobilidade das populações, dada, por um lado, pelas maiores facilidades de transporte, mas, por outro lado, pela convivência, lado a lado, de sociedades e economias com níveis de desenvolvimento econômico profundamente desigual. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2016, p. 11)

O medo tornou-se um sentimento presente nas relações. Desde o mais simples dos seres humanos até o mais poderoso governante começam a basear seus julgamentos e decisões a partir da sensação de insegurança. O espírito bélico ecoa alto em nosso mundo; defender-se do inimigo passa a ser regra geral, pois “violência se combate com violência”, frase recorrente no discurso de vários líderes mundiais.

No período pós-guerra, viu-se a necessidade de reconstruir as relações entre os povos; assim, em 1945 foi criada a Organização das Nações Unidas (ONU) formada por países que se juntaram para trabalhar pela paz e pelo desenvolvimento mundial e esta proposta resultou numa Carta, que em seu preâmbulo expressa a seguinte ideia:

Nós, os povos das Nações Unidas, resolvidos a preservar as gerações vindouras do flagelo da guerra, que, por duas vezes no espaço da nossa vida, trouxe sofrimentos indizíveis à humanidade, e a reafirmar a fé nos direitos fundamentais do

homem, na dignidade e no valor do ser humano, na igualdade de direitos dos homens e das mulheres, assim como das nações grandes e pequenas, e a estabelecer condições sob as quais a justiça e o respeito às obrigações decorrentes de tratados e de outras fontes de direito internacional possam ser mantidos, e a promover o progresso social e melhores condições de vida dentro de uma liberdade mais ampla [...]. (ONU-BRASIL, 2019)

Visando à paz e ao desenvolvimento mundial, a ONU proclamou em Paris, no dia 10 de dezembro de 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, a ser adotada como uma norma comum para todos os povos e nações alcançarem.

A voz de Carlitos: um vagabundo que nos representa

A guerra tem a capacidade de quebrar o espírito humano, nos transformando seres incapazes de sonhar com o amanhã. A distopia torna-se o pensamento comum e a esperança se vai.

Carlitos, personagem interpretado pelo ator Charles Chaplin, era um vagabundo que ganhava a vida com pequenos delitos, subsistia na miséria e se metia em confusões hilárias e ao mesmo tempo tristes. Usava a criatividade para solucionar seus problemas e simultaneamente fazia duras críticas à sociedade, que passava por um processo de transformação. Seus filmes encantaram gerações: *O garoto* (1921), *Tempos modernos* (1936) e *O grande ditador* (1941) são alguns de seus grandes sucessos. Carlitos representava um pária em sua sociedade, eram-lhe reservados os trabalhos que ninguém desejava. Sua presença não era notada e, uma vez percebida, era logo enxotado do lugar, sendo alvo de desprezo. Hoje nos deparamos com uma multidão de “Carlitos” nas praças, esquinas, periferias e lixões.

Chaplin percebeu a força da comunicação e com seus filmes tentou passar sua mensagem: o ser humano não é um objeto descartável, mas sim um ser

dotado de vida e sentimentos, como amor, solidariedade e fraternidade. Em *O grande ditador* (1941), lançado em plena Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o ator interpretava um personagem caricato de Adolf Hitler. Seu discurso não pregava a supremacia de uma raça ou o direito quase divino de governar o mundo, ou ainda o poder de decidir quem merece viver ou não. Sua fala se concentrou na diversidade, no direito à vida e na esperança em tempos melhores. É necessário ver e ler na íntegra o discurso da última cena do filme para que se possa ter noção de sua mensagem.

No clímax do filme, ele tem a oportunidade de falar para milhares de pessoas pelo rádio, e neste momento ele inverte todo o discurso de ódio. A fala tem início com um pedido de desculpas, pois ele não quer ser o imperador de todos, mas, ao contrário, quer se colocar a serviço dos outros e ajudar todas as pessoas, independentemente de sua cor, pois a felicidade é o objetivo e no mundo existe espaço para todos poderem viver em paz. O problema é a cobiça, que envenena mentes e corações, fazendo com que os conhecimentos sejam utilizados em favor da exploração e da morte. Para ele, nós não precisamos de máquinas, mas sim de pessoas; sabemos que as tecnologias nos ajudam a vencer distâncias, mas se não forem utilizadas em favor dos seres humanos, não servirão. O ódio encontra o fim em si mesmo, mas é preciso lutar contra tudo o que maltrata, despreza, prende e mata. A liberdade deve ser conquistada a cada dia e mantida com a cooperação de todos.

Chaplin aponta para uma realidade terrível: a guerra consome os seres humanos como um monstro feroz e insaciável. Suas vítimas preferidas são os fracos e oprimidos. Populações inteiras dizimadas, grupos étnicos exterminados; o ódio alcança um novo patamar global, a partir daquele momento vive-se sobre a sombra de morte.

Caso fosse vivo, Chaplin teria à sua disposição uma série de novos personagens que são alvo constante de críticas e perseguição, estigmatizados por serem diferentes do padrão vigente: refugiados, que perambulam pelo mundo

buscando um lugar seguro e que, ao longo do caminho, deparam com muros e indiferença; pessoas em situação em rua, habitantes das calçadas e pontes, que se mesclam com o lixo para sobreviver; usuários de drogas, que, ao assumirem o torpor, veem suas mentes e corpos serem consumidos gradativamente; desempregados, que não encontram oportunidade para ganhar o próprio sustento.

A voz de Chaplin, ator do cinema mudo, ecoa até nossos dias. Seus filmes em preto e branco revelam um colorido presente na solidariedade, na empatia e no amor ao próximo, principalmente para os que se encontram à margem e são invisíveis aos olhos da sociedade.

A internet: novo palco para discursos de desprezo

Após a Segunda Guerra Mundial o mundo já não era mais o mesmo. O poder de destruição em massa era algo evidente e a desconfiança entre os países tornou-se algo irreversível. Os esforços das Nações Unidas, a elaboração dos direitos humanos e os tratados de paz e cooperação celebrados entre as nações não pareciam responder à realidade marcada pelo medo iminente de outra guerra. Foi nesse ambiente que nasceu a internet. Para Maria Ercilia e Antonio Graeff (2008, p. 12):

A idéia da internet surgiu em centros de pesquisa militares nos EUA, passou por um período de incubação em instituições acadêmicas e depois chegou ao uso cotidiano. Em 1962, no auge da Guerra Fria, foi lançada a semente para a sua formação: naquele ano começou a pesquisa para uma rede de computadores que ligasse pontos considerados de interesse estratégico para o país, como bases militares, centros de tecnologia e instituições acadêmicas.

Em seu primeiro estágio, a internet estava voltada para a troca de informações; décadas depois, ramificou-se por todo o mundo, modificando

radicalmente as formas de interação social. A *World Wide Web* (rede de alcance mundial) tornou o mundo um lugar “menor”, semelhante a uma aldeia global, na qual as fronteiras são eliminadas.

O progresso da informática leva a comunicação a particularizar o seu alvo e a intensificar o seu impacto. A comunicação se põe a serviço dos gostos individuais e procura satisfazê-los, indo ao encontro da intimidade de cada um. Cada um pode sempre mais estabelecer seus programas, como escolhe o seu cardápio no restaurante. (JOSAPHAT, 2006, p. 163)

A internet supre as necessidades de seus usuários por meio de uma vasta e complexa gama de informações. Este serviço personalizado faz com que se tenha maior e melhor aproximação da rede, tornando-se uma necessidade diária estar conectado a ela.

Nota-se que ainda persiste a ideia de que o que se faz na internet não tem consequências na vida prosaica e que o anonimato é algo garantido a todos os usuários. Aproveitando-se desta situação, invoca-se a liberdade de expressão, que permite a uma parcela dos usuários pregar nas redes sociais, blogs e afins o ódio, a xenofobia, a morte e outras formas de barbárie que atentam contra a dignidade e a vida humana. Os chamados haters despejam sua fúria na internet, principalmente contra as minorias – negros, LGBTs, indígenas, por exemplo. Tais discursos têm o poder de atrair jovens, que engrossando as fileiras virtuais aumentam o número de pessoas que defendem a aniquilação do outro, daquele que é diferente. Um primeiro elemento a ser atacado é a reputação das pessoas, na tentativa de desmoralizá-las diante da comunidade. Os xingamentos, as fake news (notícias falsas) e o vazamento de informações e imagens de foro íntimo são a especialidade dos haters, que num simples apertar de botão conseguem acabar com a vida das pessoas, pois muitas delas não suportam tamanha humilhação e exposição e acabam com a própria existência.

Lidar com as novas tecnologias da informação, principalmente a internet, é uma tarefa que a sociedade ainda está aprendendo. As reflexões éticas e morais estão no estágio inicial e muitos aspectos legais ainda são nebulosos, como a utilização das redes sociais por parte de governantes e o impacto direto e indireto disso em seus países e fora deles.

Combater a onda de ódio na internet é uma tarefa complexa que exige da sociedade posturas concretas em curto, médio e longo prazos. Embora existam filtros e monitoramento desta tecnologia, seu controle é quase impossível. Basta observar, por exemplo, a deep web (rede profunda) e a dark web (rede escura), ambientes virtuais de difícil rastreamento e controle, nos quais a humanidade mostra uma de suas piores facetas.

Tanto as guerras mundiais como o surgimento da internet foram acontecimentos que levaram a humanidade a repensar as maneiras de como estavam lidando com a vida e o seu sentido. O que faz o ser humano ser humano? Uma pergunta que iremos desdobrar para refletir a partir de agora.

Dilemas de uma sociedade do desprezo: o enfrentamento da complexidade

*Eu te quero e não queres como sou
Não te quero e não queres como és.
(VELOSO, 1984)*

As mudanças ocorridas na sociedade contemporânea estabeleceram outra forma de interpretar o mundo e, conseqüentemente, a complexa relação do pensamento científico, da economia e da política com o ecossistema e as comunidades humanas. O modo de vida produzido repercute direta ou indiretamente na qualidade de vida, interferindo nos padrões, na estabilidade, na segurança e nas certezas. Surge o tempo de renovarmos as ideias, pois “vivemos em um pensamento incapaz de lidar com a complexidade” (MORIN,

2019, p.1). Esta visão pode ser complementada quando Morin (2019, p.1) afirma que a regressão intelectual e ética de nosso tempo nos leva a ser “uma civilização que multiplica o egoísmo e destrói as solidariedades”.

Nessa teia de eventos, vivemos um modelo que desenvolve humanos automatizados, entorpecidos; nesse contexto, discutir ideias, propor alternativas é o mesmo que jogar palavras ao vento.

A temática do desprezo nos introduz aos grandes desafios de nosso tempo: a questão da crise das populações, com fome, em situação de refúgio, em situação de rua, sem-terra, entre outras. E também nos leva a refletir sobre a emergência da discussão sobre as diferenças e as desigualdades sociais, remetendo à ideia de direitos, na luta por dignidade e democracia.

Os teóricos Bauman, Boff, Freire e Morin abordam a realidade em duplo aspecto: de um lado, o descuido, o descaso, o abandono, o desprezo; de outro, a esperança e a perspectiva de ações para caminhar rumo à transformação.

O diálogo com os autores foi pensado para construir possíveis convergências e apresentar um debate para enfrentar os obstáculos das relações contra a indiferença e a favor da transformação da realidade, na busca da dignidade da pessoa humana.

Para Morin, “o ser humano define-se, antes de tudo, como trindade indivíduo/sociedade/espécie: o indivíduo é um termo dessa trindade” (MORIN, 2003a, p. 51). “Assim, [...] a espécie produz os indivíduos produtores da espécie, os indivíduos produzem a sociedade produtora dos indivíduos; espécie, sociedade, indivíduo produzem-se; cada termo gera e regenera o outro” (MORIN, 2003a, p. 52). Há uma associação dos elementos que a constituem, que é a complexidade humana.

A vida do ser humano não é algo de efêmero, de transitório, mas fruto de um intenso trajeto de hominização. Podemos dizer, então, que “estamos enraizados em nosso universo e em nossa vida, mas nos desenvolvemos para além disso. É nesse além que se dá o desenvolvimento da humanidade e da

desumanidade da humanidade” (MORIN, 2003b, p. 50). Este pensamento está interligado por conceitos e valores de tal forma que desencadeia os aspectos fundantes da relação os homens.

Urge, portanto, que se conceba a humanidade como unidade, tanto na dimensão individual quanto na multiplicidade cultural, isto é, uma concepção complexa. Ao considerar o conjunto desses elementos, Morin (2003b) embarca na ideia de como pensar a vida nos limites da própria existência, distinguindo a parte prosaica – as coisas que fazemos cotidianamente e sem prazer – e a parte poética – os momentos de doação, de amor, de comunhão. Significa despertar o espírito humano para os sentidos fundamentais da existência.

O futuro da humanidade aguarda o inesperado, mas é necessário haver reformas em todas as áreas da vida. Morin (2003b) insiste na ideia de uma comunidade de destino, comunidade de trocas, de ajuda, de regulação e controles mútuos, elementos que constituem a ideia de democracia, não só no sentido político restrito, mas na ação dos cidadãos que produzem a sua forma de viver, a qual, recursivamente, produz os cidadãos que nessa sociedade vivem. Regenerar a democracia implica reorganizar o civismo que supõe a solidariedade e a responsabilidade e, assim, assumir o destino humano.

[...] trabalhar para a humanização da humanidade [...] respeitar no outro, ao mesmo tempo, a diferença e a identidade quanto a si mesmo; desenvolver a ética da solidariedade; desenvolver a ética da compreensão; ensinar a ética do gênero humano. (MORIN, 2002, p. 106)

A humanização proposta por Morin ao incluir a ética indica uma perspectiva de abertura e acolhimento ao outro em suas diversidades.

Por sua vez, Zygmunt Bauman, que nos trouxe a ideia da sociedade líquida, faz refletir sobre o mundo real, o cotidiano de todos e a dimensão humana, por evocar dilemas da atualidade e incentivar as transformações da realidade, o respeito às diferenças e o diálogo.

A reflexão oriunda de suas obras remete a ideias importantes para compreendermos o cenário contemporâneo. Entre elas está a “modernidade líquida”:

O chão em que piso pode, de repente, se abrir como num terremoto, sem que haja nada ao que me segurar. A maioria das pessoas não pode planejar seu futuro muito tempo adiante. [...] A questão é que, [...] não mais acredito que possa existir algo como uma sociedade perfeita. A vida é como um lençol muito curto: quando se cobre o nariz os pés ficam frios, e quando se cobrem os pés o nariz fica gelado. Há sempre um custo a ser pago para a melhora numa determinada direção. (BAUMAN, 2004, p.323-324)

Bauman (2004) mostra a realidade social em toda sua complexidade, quando utiliza a metáfora da liquidez, inspirada na célebre frase de Marx e Engels segundo a qual “tudo o que era sólido se desmancha no ar”.

A passagem da fase “sólida” da modernidade para a “líquida” – ou seja, para uma condição em que as organizações sociais (estruturas que limitam escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam. (BAUMAN, 2007, p. 7)

O pensamento de Bauman (2007) mostra a atualidade marcada por incerteza, insegurança e pelo fim dos padrões. É a ideia da fluidez, da desregulação institucional e de reunir as peças como num mosaico:

[...] para entender o homem, devemos reunir tudo o que descobrimos ao penetrar os diferentes aspectos de seu processo de vida unificado, [...] de modo que] o mundo implica uma coisa que é reunida depois de ser dividida; o que temos em mente, contudo, é o tipo de unidade existente antes que tenha acontecido qualquer divisão. (BAUMAN, 2011, p. 15)

Em sua obra *Estranhos à nossa porta*, encontramos o dilema dos migrantes e refugiados. Segundo Bauman (2017), para os que estão atrás da porta, aqueles que batem são sempre estranhos porque são diferentes e, portanto, uma presença incômoda.

Os discursos políticos racistas e xenófobos são destacados em dois aspectos nessa obra. O primeiro é a ideia da exposição da vida dos migrantes, que podem configurar ameaça ao bem-estar de todos que vivem naquela sociedade: eles “são personificações do colapso da ordem” (BAUMAN, 2017, p. 20). A segunda é a esperança para aqueles que perderam a autoestima.

Para os indesejáveis que suspeitam ter chegado ao fundo do poço, a descoberta de outro fundo abaixo daquele em que eles próprios foram lançados é um evento de lavar a alma, que redime sua dignidade humana e recupera o que tenha sobrado de autoestima. (BAUMAN, 2017, p. 18)

A abordagem desta realidade é mostrada quando Bauman (2017) afirma que a modernidade trouxe a divisão entre o “nós” e o “eles”. A presença desses outros abriu um espaço entre o “nós” e o “eles”. “Eles” apareceram em nossa porta, de modo que são esses os indesejados. Todavia, a conduta moral e as questões complexas do fluxo migratório movem-nos ao “fenômeno do encontro, levando a um diálogo que visa, se não a um acordo incondicional, sem dúvida à compreensão mútua” (BAUMAN, 2017, p. 111), e nos impulsiona à busca da transformação, sugerindo:

Praticar a arte da vida, fazer de sua existência uma “obra de arte”, significa, em nosso mundo líquido moderno, viver num estado de transformação permanente, auto-redefinir-se perpetuamente tornando-se (ou pelo menos tentando se tornar) uma pessoa diferente daquela que se tem sido até então. “Tornar-se outra pessoa” significa, contudo, deixar de ser quem se foi até agora, romper e remover a forma que se tinha, tal como a cobra se livra de sua pele ou uma ostra de sua concha; rejeitar, uma a uma, as personas usadas – que o fluxo constante de “novas e melhores”

oportunidades disponíveis revela serem gastas, demasiado estreitas ou apenas não tão satisfatórias quanto o foram no passado. (BAUMAN, 2009, p. 99)

Nesse sentido, tudo é movimento, o que passou deixa de ter valor e o que não existe passa a existir. São novos valores da sociedade contemporânea que se incorporam aos valores da humanidade. Atualmente na sociedade do desprezo, é possível detectar um discurso ancorado nos valores e direitos humanos, mas as práticas ainda estão nos moldes mais arcaicos das relações humanas.

No estágio atual da civilização é necessário o diálogo sobre etnia, gênero, saberes, o entendimento e a valorização das diferenças, para encontrarmos a liberdade e a democracia. Direitos humanos, visibilidade, reconhecimento, respeito como cidadãos continuam na pauta daqueles que necessitam na nossa sociedade. São eles: indígenas, agricultores sem-terra, ribeirinhos, quilombolas, favelados, migrantes e refugiados.

Morin e Bauman provocam pensamentos que têm potencial transformador, no sentido do respeito entre os seres humanos, da religação dos saberes e da compreensão humana. Estas ideias também são encontradas em Paulo Freire, pois os oprimidos de hoje são reduzidos a meros consumidores sem cidadania.

Embora o pensamento de Freire seja voltado para a Educação, é possível fazer a transposição de suas ideias para um contexto social amplo, em que os seres humanos, não percebendo sua própria humanidade, sentem-se destituídos dela.

Não são poucos os camponeses que conhecemos em nossa experiência educativa que, após alguns momentos de discussão viva em torno de um tema que lhes é problemático, param de repente e dizem ao educador: “Desculpe, nós devíamos estar calados e o senhor falando. O senhor é o que sabe; nós, os que não sabemos”. Muitas vezes insistem em que nenhuma diferença existe entre eles e o animal e, quando reconhecem alguma, é em

vantagem do animal. “É mais livre do que nós”, dizem. (FREIRE, 2018, p. 69-70)

O opressor invade a consciência e a existência do oprimido, anulando sua identidade humana.

Entendemos que o pensamento de Freire apresenta uma possibilidade de transformação e consciência de libertação, vislumbrando um caminho pela educação e ação pedagógica humanista. Com efeito, torna-se importante compreender os que são oprimidos, e que, ao se conscientizarem, podem assumir o papel da transformação social. Para Freire (2018), isso se dá na práxis, cujo ponto de partida é a própria realidade, na qual o sujeito imerge e, num movimento dialético, entre a ação-reflexão-ação, interpreta e transforma sua realidade.

Para Freire (2018, p. 114), “a desumanização que resulta da ‘ordem’ injusta não deveria ser uma razão da perda da esperança, mas, ao contrário, uma razão de desejar ainda mais, e de procurar sem descanso, restaurar a humanidade esmagada pela injustiça”.

O oprimido é o ponto de partida, é com ele que abriremos as portas para o diálogo no mundo e na vida de todos. Nesse exercício do diálogo, da expressão de liberdade, da problematização das existências, interligar-se-ão sujeitos protagonistas de suas realidades, que elaboram culturas e desenvolvem a própria humanidade. Ou seja, pensar as concepções de ser humano que estão ligados e seus diferentes processos como elemento de humanização. Sujeitos conscientes de si, assumindo a existencialidade, que encontram contradições ideológicas, mas ao olhar o mundo criticamente e afirmar-se no diálogo são capazes de constituir uma condição humana emancipadora e solidária. [...] É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é (FREIRE, 1994, p. 47).

A reflexão que desenvolvemos encontra nas ideias de Leonardo Boff a concepção que religa questões importantes e permite compreender o resgate no ser humano para o cuidado com a vida, em comunhão.

Para Boff (2000), a concepção do cuidado, opondo-se ao descuido e descaso, é uma atitude que expressa a responsabilidade de atenção, zelo e desvelo do ser humano com o ser humano, e deste com o universo.

Em seu pensamento, Boff (1997) considera as atitudes básicas do sujeito humano movidas pelo objetivo de nossa vida, qual seja “libertar a águia que há em nós”, ao lembrar a história da águia que viveu e foi tratada por cinco anos como galinha. A águia aparentemente se transformara em uma galinha. Acontece que, um dia, o camponês dono do galinheiro recebeu a visita de um naturalista que conhecia os hábitos das águias, e que disse: “esta não é galinha, é uma águia. Águia não cisca o chão como galinhas, ela voa”. E o camponês respondeu: “ela virou galinha, não voa mais”. Então o naturalista retrucou: “ela não voa agora, mas tem dentro dela o chamado para voar, ela vai voar!” E então, do alto de uma montanha, lançaram a águia para o alto e ela, transformada, alçou voo.

Na perspectiva do cuidado, como aparece na história, o sujeito parte das atitudes para si mesmo, do mergulho do próprio ser para ir ao encontro de seus desejos. Se vivemos de forma limitada, temos de procurar soltar de nós as asas que foram oprimidas por nós mesmos e pelas relações vividas em nossa sociedade.

A metáfora utilizada por Boff (1997) expressa a contradição existente dentro do ser humano: podemos libertar a águia em nós ou integrar a galinha e continuarmos vivendo o mundo concreto e suas limitações. Estamos continuamente expostos a essas tensões entre polos opostos, que ocorrem num fluxo constante entre treva/luz, opressão/libertação, utopia/distopia, humanidade/desumanidade, esperança/desesperança.

Assim, o desafio da liberdade incita ao diálogo com outro ser humano e à experiência do encontro que possibilita a solidariedade, e a recuperar, deste

modo, o humano em nós. Precisamos de “outros” que nos mobilizam a fazer o caminho da liberdade. Assim, o outro responsável pelo despertar nos fará percorrer o desejo de voar da águia. A águia que somos não se amedrontará e erguerá voo sempre de novo. A troca solidária com os outros, as experiências com os diferentes, o zelo com a terra, a atenção conosco, são formas de cuidado.

Considerações finais

“Todos juntos somos fortes”, eis o lema escolhido pelos saltimbancos. Sua determinação tornou-se um símbolo de resistência às barbáries que enfrentamos em nosso cotidiano. Mesmo com suas fragilidades, eles perceberam que poderiam combater toda forma de exploração e desprezo, enviando a mensagem de que suas vidas não eram descartáveis. Por sua vez, Chaplin entendeu que a arte, a música e o sorriso são elementos que podem fazer frente à indiferença e ao medo, e ao mesmo tempo, apontar para um futuro de comunhão e compreensão entre os povos.

Vemos hoje uma massa crescente de desprezados, que são explorados e vilipendiados ao extremo. O futuro parece cada vez mais incerto, o isolamento e a fragmentação parecem prevalecer sobre as relações pessoais e interpessoais. O que fazer diante de tal situação? Em seu texto “Para onde vai o mundo?”, Edgar Morin (2012, p. 62) nos diz: “Devemos resistir ao nada. Devemos resistir às extraordinárias forças de regressão e de morte. Em todas as hipóteses devemos resistir. Frear a morte é resistir. Lutar contra a barbárie é resistir.” O verbo resistir é assumido por todos aqueles e aquelas que têm a vida, o respeito e a dignidade como valores fundamentais.

Nos diferentes pensamentos estudados neste trabalho, vimos pontos de vista que convergem e se entrelaçam, concebendo ideias e ações para a construção de conhecimentos que visam a promover a justiça, a paz e a ética.

Morin (2002) indica o caminho da compreensão humana no encontro de si e do outro, no reconhecer o outro como humano e vice-versa, e conseqüentemente no levar em conta o respeito às diversidades. Mudar o caminho é incerto, mas não impossível. É preciso esperança para procurarmos o sentido da vida humana.

Para Bauman (2004), a humanidade está em crise e não há saída da crise sem a solidariedade humana. A esperança está no diálogo entre os saberes e as culturas, para entender as diferenças sem tentar combatê-las.

Freire (2018), por sua vez, mostra as interfaces da realidade que se manifesta no comprometimento emancipatório do ser humano em relação a oprimido/opressão, na perspectiva da práxis, no fazer transformador, no qual desenvolve sua concepção do ser humano e de mundo. O ser humano que é oprimido torna-se capaz de libertar-se.

Boff (2000) traz em seu pensamento o compromisso no sentido do cuidado, da responsabilidade, movidos pelas atitudes essenciais à condição humana.

O pensamento dos autores converge na possibilidade da humanização, ou seja, o encontro e o resgate de sermos nós na experiência do outro que é diferente de nós, numa compreensão da liberdade que nos constitui e nos recompõe, tornando-nos águia e galinha, desprezados e amados, humanos e desumanos.

O desprezo, a indiferença e o ódio são males que atingem a humanidade, corrompem nosso existir e nublam nosso futuro. Faz-se necessário concentrar forças e seguir adiante para promover uma cultura de paz e solidariedade, em especial aos que estão à margem. Conectar-se não apenas por meios eletrônicos, mas pelo abraço, pelo sorriso, pela mão estendida ao que está no chão.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Xenofobia: medo e rejeição ao estranho**. São Paulo: Cortez, 2016.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS - BRASIL. **Dados sobre refúgio**. Brasília, DF, jun. 2018a. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

BANDEIRA, M. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **A arte da vida**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. **Bauman sobre Bauman: Diálogos com Keith Tester**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

_____. **Estranhos à nossa porta**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2017.

_____. **Tempos líquidos**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BOFF, L. **A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BUARQUE, C. **Os saltimbancos**. Philipis Record. 1977. CD. 12 faixas. (35.52 min)

ERCÍLIA, M.; GRAEFF, A. **A internet**. São Paulo: Publifolha, 2008. (Folha explica).

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. 22. reimpr. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997a.

_____. **Política e educação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997b

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: EdUnesp, 2000.

_____. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 13. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 66. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2018.

O GRANDE ditador. Direção: Charlie Chaplin. Produção: Carter DeHaven e Charlie Chaplin. Distribuição: MGM. Estados Unidos, 1940. Película, 124 min.

GRIMM, J.; GRIMM, Wilhelm. Os músicos de Bremen. In: **O mundo da criança: em quinze volumes**. Vol. 3: Histórias de fadas. Tradução e adaptação Vera Braga Nunes. Rio de Janeiro: Delta, 1949. p. 43-47.

JOSAPHAT, C. **Ética e mídia: liberdade, responsabilidade e sistema**. São Paulo: Paulinas, 2006.

MELO NETO, J. C. de. **Morte e vida Severina e outros poemas em voz alta**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Trad. Eloá Jacobina. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 6. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2002.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Trad. Dulce Matos. 4. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2003a. (Epistemologia e sociedade).

_____. **O método 5: a humanidade da humanidade: a identidade humana**. Trad. Juremir Machado da Silva. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003b.

_____. **Ciência com consciência**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. **O método 6: ética**. Trad. Juremir Machado da Silva. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **Meu caminho: entrevistas com Djénane Kareh Tager**. Trad. Edgard de Assis Carvalho e Marisa Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. **Para onde vai o mundo?** 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. **Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação**. Tradução: Edgar de Assis Carvalho e Mariza Perassi. Porto Alegre: Sulina, 2015.

LA CROIX. A 98 ans, Edgar Morin dans "L'urgence de transmettre". 14 abr. 2019. Disponível em: https://www.lacroix.com/amp/1301008751?__twitter_impression=true. Acesso em 20 mar. 2019.

MORIN, E.; KERN, A. B. **Terra-pátria**. Porto Alegre: Sulina, 2000.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. **A carta das Nações Unidas**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/carta/> Acesso em: 28 mar. 2019.

PORTINARI, C. **Retirantes**. 1944. Painel, óleo sobre tela. 190 cm x 180 cm. Acervo do Museu de Arte de São Paulo.

RAMOS, G. **Vidas secas**. São Paulo: Martins, 1965.

ROCHA, R. **Os músicos de Bremen**. São Paulo: Salamandra, 2010. (Col. Conta de novo).

VELOSO, C. **Quereres**. In: Caetano Veloso. *Velô*. Poly Gram, 1984. CD, faixa 7 (2:58 min)

ⁱ Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Docente e pesquisadora do PPGE/Uninove.

ⁱⁱ Doutora em Educação pela Uninove e pesquisadora do GRUPEC.

ⁱⁱⁱ Doutorando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (PPGE/Uninove).